

## Poema para a catástrofe do nosso tempo<sup>1</sup>

Alberto Pucheu

I

Amanhã não será um dia melhor  
do que hoje, que não é um dia  
melhor do que ontem. Há um  
sentimento fúnebre no ar,  
de quem tem vivenciado  
uma morte após a outra,  
de quem tem vivenciado,  
antecipadamente, mais uma  
morte, a última delas, a morte  
após a própria morte, a morte  
da qual não se tem retorno,  
a morte da qual os mortos  
não voltam dela para a vida,  
a morte a que apenas os vivos  
se encaminham para ela  
sem jamais poder voltar,  
a morte da qual não se tem  
poemas para se fazer,  
não a morte simbólica,  
mas a outra, a real,  
a experiência final da morte  
em vida, da qual sobrevivemos,  
se tanto, ainda que neste mundo,  
enquanto fantasmas desossados,  
descarnados, desfigurados,  
que berram na tentativa de evitar  
a morte e de evitar, a todo custo,  
a morte em vida. Berramos em vão.  
Não assustamos mais ninguém

---

<sup>1</sup> O poema foi primeiramente editado na revista Cult (15 de Maio de 2020)

com nossos berros. São eles, antes,  
os inassustáveis, que nos assustam.  
A cada momento, tentamos aprender  
a fazer, fantasmaticamente,  
o improvável luto de nossas  
mortes, o que, quando conseguimos,  
é tão somente de um modo  
individual, jamais coletivamente.  
Nunca aprendemos a fazer  
o luto coletivo do que matou  
e torturou muitos de nós, nunca  
aprendemos a fazer a luta coletiva  
contra nossa história de horror,  
que permanece torturando e matando.  
Os torturadores e assassinos  
estão vivos, viveram em família  
sem ser incomodados, falam  
em nome da família e de deus,  
viraram nomes de ruas, pontes,  
cidades até se alçarem, de novo,  
ao posto da presidência e da vice-  
presidência da república  
e, dessa vez, com o amplo apoio  
do fascismo que há nas pessoas,  
forjado por propagandas enganosas  
da grande mídia, por fake news  
compradas pelas grandes empresas  
de outras grandes empresas  
que governam o mundo,  
os países e as pessoas.  
Se, a cada vez que alguém grita  
“não passarão”, eles já passaram  
e continuam passando com força,  
cada vez, desmesuradamente  
maior, como alguns de nós ainda  
perguntamos “como resistir?”,  
“como resistir hoje?”.  
Neste momento, é importante dizer  
que a poesia não é uma arma

contra o autoritarismo, mas  
o desejo de desarmar  
o autoritarismo, desarmando  
os que querem acabar  
com a democracia em nome  
do autoritarismo ou da ditadura.  
Desarmar, portanto, ao menos,  
e para quase ninguém,  
mas desarmar, desde nossa  
impotência radical,  
um dos modos do autoritarismo,  
um dos modos do fascismo,  
o da língua. Amanhã  
não será um dia melhor  
do que hoje, que não é um dia  
melhor do que ontem. Alguns anos  
atrás, foi possível um recomeço  
para um país que vivera 21 anos  
sob governo militar, sob tortura,  
sob assassinatos, sob corrupção,  
sob inflação desmesurada, com dívida  
externa impagável, a que agora  
se quer, declarada e cinicamente,  
voltar. Depois de, antes mesmo  
de ser eleito, já ter dito e repetido  
“eu sou favorável à tortura,  
tu sabes disso, e o povo também  
é favorável à tortura”, “através  
do voto você não vai mudar nada  
nesse país, nada, absolutamente  
nada, só vai mudar, infelizmente,  
no dia que nós partirmos  
para uma guerra civil aqui dentro,  
e fazendo o trabalho  
que o regime militar não fez,  
matando uns 30 mil... Se vai morrer  
alguns inocentes, tudo bem”,  
“minha especialidade é matar,  
não é curar ninguém”, “o erro

da ditadura foi torturar  
e não matar”, “Pinochet  
devia ter matado mais gente”,  
“vamos fuzilar a petralhada”,  
o presidente, em campanha,  
afirmou que o objetivo  
de seu governo é fazer  
com que o Brasil volte  
40 ou 50 anos, ou seja, volte para  
os piores anos, para os porões,  
para os calabouços mais sombrios  
da ditadura militar.

A partir de então, é preciso dizer  
que o futuro é o passado, que  
o que está à frente é o que está  
40 ou 50 anos atrás, a partir  
de então, tudo é o fim,  
tudo é pior do que o fim,  
tudo é o fim e o dia seguinte  
do fim, a sobrevivência  
fantasmática, desossada,  
descarnada, desfigurada,  
diária, frente ao pior,  
ao mais do que pior.

Em campanha, repetindo  
publicamente  
o que nenhuma instituição  
lhe limitou dizer nem fazer,  
ele já havia dito tudo:  
“Vamos fazer uma limpeza  
nunca vista na história  
desse Brasil”, “vamos varrer  
do mapa esses bandidos  
vermelhos do Brasil”,  
“essa turma, se quiser ficar  
aqui, vai ter que se colocar  
sob a lei de todos nós.  
Ou vão para fora ou vão  
para a cadeia. Vai tudo vocês

para a Ponta da praia”.  
“Ponta da praia”, vocês sabem, é a base da marinha na restinga de Marambaia no Rio de Janeiro, onde os opositores da ditadura eram executados e desovados. Tudo isso começou há muito tempo, tudo isso começou com genocídios e escravidões, tudo isso atravessou muitos de nossos momentos, tudo isso poderia ter vários começos e recomeços, mas, mais recentemente, tudo isso recomeçou, por exemplo, naquele 17 de abril de 2016, o dia em que o pior do Brasil se expôs pública e espetacularizadamente sem qualquer escrúpulo, na programação de um dia de domingo, em nome das famílias dos deputados, em nome de deus, em nome de qualquer coisa, menos em nome da coisa pública.

Nesse dia, ele, o pior, como outros dentre os piores, deu seu voto a favor do impeachment dizendo o que de maneira alguma poderia ser permitido ser dito: "pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim".  
No elogio ao torturador da presidenta da república

(e de tantos outros e outras),  
em plena câmara dos deputados,  
televisonado em espetáculo  
para todo o país,  
no elogio do torturador  
conhecido por, além de tudo o mais,  
colocar ratos  
nas vaginas das mulheres,  
conhecido por fazer crianças  
assistirem seus pais  
sendo torturados,  
conhecido por torturar as crianças  
na frente de seus pais,  
quando ele deveria ter saído  
dali preso, mas não saiu,  
o ilimitado do autoritarismo  
brasileiro não encontrou  
mais nenhuma limitação.  
Naquele dia, com essa  
e outras falas, seguidamente,  
terríveis, mesmo para nós,  
que sempre soubemos  
dos nossos piores dias,  
aquele foi o dia do pior  
do que o pior. De lá para cá,  
temos berrado em vão,  
em vão, berramos quando  
depuseram injustamente  
a presidenta, em vão, berramos  
quando prenderam injustamente  
o ex-presidente operário,  
impossibilitando sua candidatura,  
em vão, berramos contra o Supremo,  
contra o TSE, em vão berramos  
contra o assassinato de Marielle  
e em vão continuamos a berrar,  
ainda que tudo esteja às claras,  
quem mandou matar Marielle?  
Não assustamos mais ninguém

com nossos berros; são eles,  
antes, os inassustáveis,  
que diariamente nos assustam.  
De lá para cá, como o esperado,  
tudo só vem piorando  
cada vez mais, com o pleno  
consentimento dos poderes  
institucionais, do Supremo,  
e teimam, ainda, em dizer,  
que o Brasil está funcionando  
normalmente. Não, ele não  
está funcionando  
normalmente, não, ele não.

II

Para quem não sabe, para quem  
não viu, não leu, não ouviu,  
para quem não quer saber,  
para quem não quer ver,  
para quem não quer ler,  
para quem não quer ouvir,  
para quem está surdo,  
para quem não quer cheirar  
o que está, fortemente, pelo ar,  
mesmo que nada então adiante  
dizer, saiba, entretanto, que  
são muitos os testemunhos  
de tal tempo, do tempo  
da ditadura militar.  
Já se perguntou quem  
testemunha pela testemunha  
– uma pergunta aporética, claro –,  
e não se trata de modo algum  
de fazer com que a poesia  
testemunhe pela testemunha,  
mas que ela possa guardar  
testemunhos que foram

dolorosamente prestados,  
como, por exemplo, o de Eny  
Moreira, advogada:  
“Dia 10 de novembro de 1972,  
no Jornal Nacional, o Cid Moreira  
lê uma nota oficial do Primeiro Exército  
dando conta de que ‘foi morta,  
num tiroteio, a terrorista Aurora Maria  
Nascimento Furtado’, e,  
de manhã cedo, no dia seguinte,  
a família me liga e me pede  
para ver se eu conseguia  
liberar o corpo. Eu fui ao Exército,  
o Exército disse que era no Dops,  
eu fui para o Dops, disseram  
que não era lá e, quando eu descia  
do elevador, um policial,  
que me conhecia das tantas idas,  
me disse ‘ó, o corpo estava  
no IML, mas já foi para o cemitério  
do Caju. Eu fui para lá. Cheguei lá  
estava a Dirce Drach. Dirce Drach  
é uma advogada, que trabalhou com  
Lino Machado. Quando eu cheguei,  
a Aurora estava já no caixão... Gente,  
é muito difícil lembrar isso. Nela,  
foi posto um pano branco, rasgado  
aqui para imitar um vestido.  
A gente foi cobrindo de flores,  
ela tinha um olho saltado, o outro  
completamente preto,  
um afundamento... Um afundamento  
no maxilar, uma fratura exposta  
no braço, mordidas pelo corpo,  
não tinha unha nem bico de peito.  
O cabelo dela era liso. Ela tinha 26  
anos, branquinha, eu tinha a mesma  
idade dela. O cabelo dela liso  
assim e tinha uma franja



que tinha sido cortada  
em cima da sombrancelha  
toda irregular. Eu fiz um gesto,  
desse gesto de carinho  
que você faz em criança,  
passando a mão assim...  
Quando eu passei a mão,  
que o cabelo levantou,  
meu dedo afundou. Eu  
comecei a mexer no cabelo.  
Eles tinham... A última  
coisa que fizeram com ela  
foi apertar um torniquete –  
por isso que ela tinha  
um olho saltado. Quer dizer,  
a única prova é a minha palavra  
e a da Dirce. O pior disso é  
que eu tenho certeza que  
os homens que fizeram isso  
com ela eram os mesmos  
que estavam lá até a ambulância  
sair com o corpo dela pra  
São Paulo. A gente tratou  
de botar muita flor nela  
para ver se os pais  
não percebiam. Desculpa”.  
Como o de Cecília Coimbra:  
“Uma das coisas que era comum,  
quando prendiam um casal  
junto, era levar um e outro  
para ver o outro ser torturado.  
Então, me levaram algumas vezes  
para ver Novaes ser torturado...  
É uma coisa difícil pra gente, né,  
falar disso. E os requintes  
de crueldade que fazem  
com a mulher. Frequentemente,  
a gente era colocada nua,  
molhada, o molhar era para que

os choques ficassem mais intensos,  
os choques elétricos, na boca,  
no seio, na vagina, na orelha,  
no nariz... A crueldade chegou  
de terem um filhote de jacaré  
lá no Doi-Codi, que eles puxavam  
com uma corda no pescoço,  
esse filhote de jacaré. Eu fui  
uma noite, não lembro se era noite  
ou se era dia, eu fui levada  
para sala ao lado da sala de tortura,  
me botaram nua, me amarraram  
numa cadeira e botaram o jacaré  
passando pelo meu corpo.  
Eu acreditei que o meu filho  
tinha sido entregue ao juizado  
de menores, eles me fizeram acreditar  
nisto. Meu filho tinha 3 anos e meio,  
o José Ricardo, e eu caí na armadilha,  
porque acreditei mesmo, porque eu vi  
todos os meus irmãos presos  
e meus irmãos não tinham nenhuma  
militância política. Eles invadiram  
a casa da minha mãe, prenderam  
meus irmãos, minha cunhada,  
que estava fazendo um mês  
de casada com meu irmão,  
eu acreditei que minha mãe  
estivesse presa, eles, inclusive,  
brincaram, de gozação, diziam  
'a Maria Guerrilheira', porque  
minha mãe se chamava Maria.  
Depois eu vim a saber que  
as únicas pessoas que não  
foram presas foram minha mãe,  
meu filho de três anos e meio  
e meu irmão, Custódio  
Coimbra, que era menor  
de idade, tinha 14 anos

na época”. Escutemos  
mais uma vez, em um retorno  
que rememora pela diferença,  
a memória de Cecília Coimbra:  
“Em agosto de 1970, fui presa  
e levada para o DOPS/RJ.  
Dois dias depois, algemada  
e encapuzada, fui para  
o DOI-CODI/RJ, no quartel  
da Polícia do Exército,  
à Rua Barão de Mesquita,  
na Tijuca. Falar daqueles  
três meses em que fiquei  
detida incomunicável  
sem um único banho  
de sol ou qualquer outro  
tipo de exercício é falar  
de uma viagem ao inferno:  
dos suplícios físicos  
e psíquicos, dos sentimentos  
de desamparo, solidão, medo,  
pânico, abandono, desespero.  
A tortura não quer ‘fazer’ falar,  
ela pretende calar  
e é justamente essa a terrível  
situação: através da dor,  
da humilhação e da degradação  
tentam transformar-nos  
em coisa, em objeto.  
Em especial, a tortura  
perpetrada à mulher  
é violentamente machista.  
Inicialmente são os xingamentos,  
as palavras ofensivas  
e de baixo calão ditas agressiva  
e violentamente  
como forma de nos anular.  
Chegando ao DOI-CODI/RJ,  
fui levada encapuzada

para o andar térreo,  
para uma sala: a sala de torturas,  
conhecida como 'sala roxa'.  
De capuz, tive minhas roupas  
arrancadas e meu corpo molhado.  
Fios foram colocados  
e senti os choques elétricos:  
no bico dos seios, vagina, boca,  
orelha e por todo o corpo.  
Gritavam palavrões e impropérios,  
chutavam-me. Exigiam-me,  
através das torturas, que eu falasse  
o que não sabia! No dia seguinte,  
não sei precisar bem, fui  
novamente levada  
para a sala de tortura  
e lá assisti parte da tortura  
que meu marido sofria:  
choques elétricos  
em todo o seu corpo.  
Seus gritos acompanharam-me  
durante anos. Era muito comum  
esta tática  
quando algum casal era preso,  
além de se tentar jogar um  
contra o outro em função  
de informações que pseudamente  
algum teria passado  
para os torturadores...  
'Será mesmo que ele falou isso?'...  
Era necessário um esforço  
muito grande  
para não sucumbirmos...  
'Se falou está louco!'...  
era o meu argumento,  
repetido à exaustão.  
Continuavam querendo saber  
sobre o sequestro do embaixador  
alemão. Fui novamente despida,

e colocada numa sala  
que ficava ao lado da de torturas.  
Fui amarrada numa cadeira  
e colocaram um filhote de jacaré  
sobre meu corpo. Desmaiei.  
Os guardas que me levavam,  
sempre encapuzada, constantemente  
praticavam vários abusos sexuais...  
Os choques elétricos no meu corpo  
nu e molhado  
eram cada vez mais intensos...  
Eu me sentia desintegrar:  
a bexiga e o ânus sem nenhum controle...  
'Isso não pode estar acontecendo:  
é um pesadelo... Eu não estou aqui...',  
pensava eu. O filhote de jacaré  
com sua pele gelada e pegajosa  
percorrendo meu corpo...  
'E se me colocam a cobra,  
como estão gritando que farão?'...  
Perco os sentidos, desmaio.  
Numa madrugada fui retirada  
da cela, levada para o pátio,  
amarrada, algemada  
e encapuzada... Aos gritos  
diziam que ia ser executada  
e levada para ser 'desovada'  
como em um 'trabalho'  
do Esquadrão da Morte...  
Acreditei... Naquele momento  
morri um pouco... Em silêncio,  
aterrorizada, me urinei...  
Aos berros, riram e me levaram  
de volta à cela... Parece que,  
naquela noite, não tinham  
muito 'trabalho' a fazer ...  
Precisavam se ocupar".

III

O que eu vi até o momento  
é que outras gripes  
mataram mais do que essa.  
Assim como uma gripe, outra  
qualquer leva a óbito.  
Por enquanto, nada de alarme.  
Não é uma situação alarmante.  
Não é motivo para pânico.  
Se estiver tudo redondinho  
no Brasil, não vamos buscar  
ninguém [na China]. Se depender  
do presidente, não vamos  
buscar ninguém. Custa caro  
um voo desses.  
Foi surpreendente o que aconteceu  
na rua até com esse  
superdimensionamento.  
O vírus chegou, está sendo  
enfrentado por nós e brevemente  
passará. Nossa vida tem  
de continuar. Que vai ter problema  
vai ter, quem é idoso, quem  
está com problema, quem tem  
alguma deficiência,  
mas não é tudo isso que dizem.  
Quem tem obrigação de cuidar  
dos idosos é a família  
e não o governo. Quem tem abaixo  
de 40 anos têm que se preocupar  
para não transmitir o vírus  
para outros. Para a própria vida,  
é quase zero o risco. Cada família  
tem que botar o vovô e a vovó  
em um canto e evitar o contato  
a menos de dois metros. O resto  
tem que trabalhar. Toda família  
testou negativo. Eu, a partir do momento

em que não estou infectado,  
ao ter contato com quem quer que seja,  
não estou colocando em risco a saúde  
daquela pessoa. Talvez  
eu tenha sido infectado lá atrás  
e nem tenha sabido. Talvez muitos  
de vocês também. Se eu resolvi  
apertar a mão do povo  
desculpe aqui, isso é um direito meu.  
Muitos pegarão isso  
independente dos cuidados  
que tomem. É uma neurose.  
70% [da população] vai pegar  
o vírus. Isso vai acontecer  
mais cedo ou mais tarde.  
Devemos respeitar, tomar  
as medidas sanitárias cabíveis,  
mas não podemos entrar numa neurose,  
como se fosse o fim do mundo.  
O que que está acontecendo, nós íamos  
passar por isso. Começou na China,  
foi para outros países da Europa  
e iríamos passar por isso. Agora,  
o que está errado é a histeria,  
como se fosse o fim do mundo.  
E uma nação, o Brasil, por exemplo,  
só estará livre desse vírus, né,  
o coronovírus aí, tá, quando?  
Quando um certo número de pessoas  
forem infectadas e criarem  
anticorpos, que passam a ser  
barreira para não infectar  
quem não foi infectado ainda.  
Nós estamos em uma briga  
pelo poder e vou ser fiel  
àquilo que eu sempre tive  
com a população brasileira.  
Não dá para querer jogar  
nas minhas costas

uma possível disseminação  
do vírus. Vocês vão querer  
jogar a responsabilidade  
em cima de mim. Espero  
que não venham me culpar  
lá na frente pela quantidade  
de milhões e milhões  
de desempregados  
na minha pessoa. Esse vírus  
trouxe certa histeria.  
A economia está parando.  
Tem alguns governadores,  
no meu entender, que estão  
tomando medidas  
que vão prejudicar e muito  
a nossa economia.  
Estão tomando medidas,  
a meu ver, exageradas.  
Brevemente, o povo saberá  
que foram enganados  
por esses governadores  
e por grande parte da mídia  
nesta questão do coronavírus.  
Se for nos ônibus  
do Rio, Metrô de São Paulo,  
está tudo lotado. A vida  
continua, não tem que ter histeria.  
A histeria leva a um baque  
da economia. Não é porque tem  
uma aglomeração de pessoas  
aqui e acolá esporadicamente  
que tem que ser atacado  
exatamente isso. É tirar a histeria.  
Agora, o que acontece? Prejudica.  
Algumas autoridades estaduais  
têm tomado medidas, tem tido  
reclamação e tem tido elogio  
também, mas eu deixo claro  
que o remédio, quando em excesso,



pode não fazer bem  
ao paciente. Tem certos governadores  
que estão tomando medidas  
extremas. Uns fecharam supermercados,  
outros querendo fechar aeroportos, outros  
querendo colocar uma barreira  
entre os estados, fechando academias.  
Não compete a eles fechar  
aeroporto, fechar rodovias, shopping,  
feira do Nordeste no Rio de Janeiro.  
Tem gente que quer fechar igrejas,  
o último refúgio das pessoas.  
Lógico que o pastor vai saber  
conduzir lá o seu culto, ele  
vai ter consciência, o pastor,  
o padre, se a igreja está muito cheia,  
falar alguma coisa, ele vai  
decidir. Até porque  
a garantia de culto é garantida  
pela constituição. A chuva  
está vindo aí, você vai se molhar,  
agora se você botar uma capinha  
aqui, tudo bem, passa, agora  
se você entrar em parafuso,  
você vai morrer afogado  
embaixo da chuva.  
Não temos como impedir  
o direito de ir e vir.  
Eu tenho o direito constitucional  
de ir e vir. Ninguém vai tolher  
minha liberdade de ir e vir.  
Ninguém. Estão fazendo terror  
com a população desses estados.  
Os governadores são verdadeiros  
exterminadores de emprego.  
O comércio para, o pessoal  
não tem o que comer.  
A economia tem que funcionar,  
caso contrário as pessoas

vão ficar em casa  
sem ter com o que se alimentar.  
Estão fazendo o que bem entendem.  
Vão morrer alguns. Sim, vão morrer.  
E daí? Lamento. Quer que eu faça  
o quê? Eu sou Messias, mas não faço  
milagre. Não podemos deixar  
esse clima todo que está aí. Prejudica  
a economia. Não adianta eu falar  
fiquem calmos, ou esperem  
uma guerra. Primeiro porque  
eu estou me violentando.  
Eu não quero histeria  
porque isso atrapalha.  
Agora, deixo bem claro: a gente  
não temos que entrar em pânico.  
Isso nós vamos viver. Você não pode  
comparar Brasil com Itália.  
Eu pergunto a você: sabe  
quantos habitantes temos  
por quilômetro quadrado  
na Itália? São 200 habitantes  
por quilômetro quadrado.  
Na Alemanha são 230 habitantes.  
No Brasil, 24. Há uma diferença  
enorme entre esses países.  
O número de pessoas que morreram  
de H1N1 no ano passado  
foi na ordem de 800 pessoas.  
A previsão é não chegar  
a essa quantidade de óbitos  
no tocante ao coronavírus.  
Eu não interfiro no trabalho  
do nosso ministro da saúde,  
eu vejo os números que parte  
de lá, dessa projeção, eu tô achando  
que é um exagero nisso aí.  
Nós temos que levar em conta  
a situação daquela pessoa:

no Rio de Janeiro, tinha  
uma pessoa grave entubada  
lá, tem 50 anos de idade,  
desde os 12 é um fumante  
inveterado, então, qualquer  
problema que ele adquira  
vai ser uma catástrofe  
para a vida dele.

Estamos fazendo a coisa certa  
e com tranquilidade. Devemos  
sim voltar à normalidade.

Algumas poucas autoridades  
municipais e estaduais  
devem abandonar o conceito  
de terra arrasada, a proibição  
de transportes, o fechamento  
de comércio e o confinamento  
em massa. Ficar em casa  
é coisa de covardes.

Essa é uma realidade, o vírus  
'tá aí. Vamos ter que enfrentá-lo,  
mas enfrentar como homem, porra.  
Não como um moleque.

Tem mulher apanhando em casa.  
Por que isso? Em casa que falta pão,  
todos brigam e ninguém  
tem razão. Como é que acaba  
com isso? O cara quer trabalhar,  
meu Deus do céu. É crime  
trabalhar? O que  
se passa no mundo  
tem mostrado que o grupo  
de risco é o das pessoas acima  
dos 60 anos. Então, por que  
fechar escolas? Brasileiro  
tem que ser estudado. Ele não  
pega nada. Você vê o cara  
pulando em esgoto ali. Ele sai,  
mergulha e não acontece nada

com ele. Não é esperar  
que o governo faça  
alguma coisa. O governo  
não pode fazer tudo  
que acham que o Estado  
tem que fazer. No meu caso  
particular, pelo meu histórico  
de atleta, caso fosse contaminado  
pelo vírus, não precisaria  
me preocupar, nada sentiria  
ou seria, quando muito, acometido  
de gripezinha ou resfriadinho.  
Depois de uma facada, não  
vai ser uma gripezinha  
que vai me derrubar não,  
tá ok? Eu faço 65  
daqui a quatro dias.  
Vai ter uma festinha tradicional  
aqui. Até porque eu faço aniversário  
no dia 21 e minha esposa dia 22.  
São dois dias de festa aqui.  
Emenda, dia 21, próximo de meia-  
noite ela me cumprimenta; logo depois  
eu a cumprimento. Ou será  
que eu estou proibido  
de fazer essa festinha em casa?  
O presidente sou eu. A decisão  
foi o Supremo Tribunal Federal,  
o Supremo que decidiu  
que estados e municípios  
podem decretar as medidas  
que acharem necessárias para conter  
o avanço do vírus. O Supremo  
falou que eu não tenho autoridade  
para isso, o Supremo disse isso,  
mas, no que depender de nós,  
nós vamos começar a flexibilizar  
e mostrar que não é esse o caminho.  
Pena que eu não possa intervir

em muita coisa, porque o Supremo decidiu que as medidas restritivas que têm de ser respeitadas são aquelas de prefeitos e governadores. Vamos seguir o destino. Vamos respeitar a decisão do Supremo Tribunal Federal que, afinal de contas, estamos numa democracia, além da independência, a harmonia entre os poderes. Não queremos aqui criar qualquer polêmica com outro poder. Todos eles são responsáveis assim como eu sou como chefe do executivo. Decisões sou obrigado a tomar, porque sempre tenho dito, dado a minha formação militar: pior que uma decisão mal tomada é uma indecisão. Jamais pecarei por omissão. Esse é o ensinamento que eu tive na minha carreira militar. Os excessos que alguns cometeram que se responsabilizem por eles. Quem tem poder de decretar estado de defesa ou de sítio, depois de uma decisão obviamente do parlamento brasileiro, é o presidente da república e não o prefeito ou o governador. Acabou a época da patifaria. Chega da velha política. Queremos é ação pelo Brasil. Não queremos negociar nada. Não tem mais conversa. Daqui para frente, não só exigiremos, porque chegamos no limite. Faremos cumprir a Constituição. Será cumprida a qualquer preço. E ela tem mão dupla. Não é só uma mão, não. As Forças Armadas estão ao nosso lado. Todos nós

juramos um dia dar a vida  
pela pátria. Agora é Brasil  
acima de tudo e Deus acima de todos.  
Deus abençoe nossa pátria querida.

#### IV

Compartilhando vozes, afetos  
e feitos na recusa de sermos  
destruídos, guardo  
testemunhos, notas, notícias  
e percepções diárias da destruição  
para estarmos, mais uma vez,  
juntos, para atravessarmos o dia,  
os meses, os anos de tantas dores  
e desencontros, para não deixarmos  
o esquecimento, mais uma vez,  
nos assolar. Talvez eu seja aqui  
um termômetro do choque da frieza  
violenta da perversão contra  
o calor de todos aqueles que,  
ardendo em febre, sofrem. Talvez  
eu esteja aqui longe de um poeta  
em busca da afirmação de um estilo,  
de consolidá-lo por sua repetição ou,  
enfim, do cansaço dele e da busca  
de sua superação – questões, hoje,  
para mim, demasiadamente  
pessoais, individuais –, talvez eu esteja  
aqui com você, com vocês, com um outro,  
com outros, ainda que poucos, em busca  
de uma intervenção, pequena que seja,  
ou mesmo que não seja, mas  
apontando para essa direção  
como muito do que tenho tentado  
fazer. Talvez eu assumo aqui  
diversos pontos de vistas, inclusive,  
os de meus piores inimigos, desde

os quais também falo para tentar retirar suas armas, desarmá-los, ao expô-las. Do meu lado, sem me preocupar tanto com acertos e erros, eu, que, praticamente, só tenho a escrita para lutar, eu insisto. Eu insisto no que me é necessário, eu insisto no impossível e na insistência, eu insisto na necessidade do impossível da insistência. Eu insisto nisso que o meu tempo requer. Aqui, escrevo, talvez, como Josefina, com minha voz se confundindo com as vozes de uma incerta comunidade, com as vozes de um povo incerto que está por aí, com as vozes de uma imaginação pública, com minha voz praticamente se confundindo com outras vozes quaisquer que me tomam. Que essas vozes quaisquer se confundam em mim com outras que se destacam, mas que igualmente me tomam em uma superposição de vozes para mim necessária. Não me furtando ao que considero a honestidade de pensar o nosso tempo em meio aos tenebrosos acontecimentos pelos quais passamos, talvez eu esteja, aqui, como um cartógrafo do nosso tempo, como um meteorólogo dos acontecimentos do nosso tempo, como um historiador das falas de um presente a criar um antimuseu, um ainda não museu, um menos

que museu, a criar um antimonumento,  
um ainda não monumento, um menos  
que monumento, alguns resquícios  
de lampejos de uma memória  
em movimento do nosso tempo,  
sabendo que amanhã não será  
um dia melhor do que hoje, que não é  
um dia melhor do que ontem.  
Àqueles que insistem em perguntar  
para quê poetas em tempos  
de coronavírus?, àqueles que insistem  
em perguntar para quê filósofos  
em tempos de coronavírus?, àqueles  
que insistem em perguntar  
para quê poetas e filósofos em tempos  
de Bolsonaro e coronavírus?, àqueles  
que há poucos dias insistiam  
em dizer que não deve haver  
investimentos em ciência  
no país, que tudo deveria ser  
importado, mas que agora  
estão se borrando de medo  
por não haver testes  
nem vacinas para o vírus,  
nem ventiladores pulmonais  
nos leitos dos hospitais, nem  
leitos disponíveis nos hospitais,  
nem nos hospitais particulares,  
e que estão seguindo à risca  
a recomendação dos cientistas,  
ou àqueles que seguem  
não levando a ciência em conta  
e, claro, tampouco, muito menos,  
a poesia e a filosofia (ainda que leiam  
a Bíblia cotidianamente), àqueles  
que seguem fazendo carreatas  
em favor da pandemia, que seguem  
dançando morbidamente com caixões,  
àqueles que, assustadoramente,



não conseguem olhar minimamente para o outro nem para o real, àqueles que acham que você só deve se preocupar com o que está a um palmo do nariz, se tanto, ou somente com o próprio nariz, àqueles que infelizmente não conseguem ler minimamente o que se passa, saibam que vocês estão no mundo em companhia de pessoas como Alexander Lukashenko, presidente da Bielorrússia, de Gurbanguly Berdymukhamedov, ditador do Turcomenistão, Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, John Magufuli, o presidente da Tanzânia, que pediu ao povo que rezasse pois o vírus “não pode sobreviver no corpo de Cristo”, e, claro, de Jair Bolsonaro, o pior dos homens, o populicida em quem vocês votaram neste país que luta (parece que em vão) para se livrar de toda essa ignorância que vocês insistem em querer preservar para vocês e para o país.

V

Não. Amanhã não será um dia melhor do que hoje, que não é um dia melhor do que ontem. A cada dia, o ministro da saúde oscila entre ceder às barbaridades do presidente e contradizê-lo. Finalmente, ele disse que, se

o presidente (como tem feito  
desde que, ele próprio, suspeito  
de ser portador do vírus,  
foi à manifestação convocada  
por ele mesmo à sua base  
de apoio para ir à rua  
defender o fechamento  
do Congresso e do Supremo  
que, aliás, até o momento  
da pandemia, vinham sendo  
inacreditavelmente cúmplices  
de suas – e de seus filhos –  
inconstitucionalidades),  
pois bem, o ministro finalmente  
parece ter dito ontem para o presidente  
não menosprezar a gravidade  
da situação em suas manifestações  
públicas, para o presidente pensar  
se “estamos preparados para ver  
caminhões do exército transportando  
corpos pelas ruas com transmissão ao vivo  
pela internet?”, para o presidente  
não mentir em público  
dizendo que temos o remédio  
do vírus se ainda não o temos,  
que, se ele insistir em dizer  
que a cloroquina cura  
sem qualquer evidência científica,  
que, se ele, presidente, insistir  
em falar que o coronavírus  
é uma gripezinha ou um resfriadinho  
qualquer, que, se ele insistir  
em pegar um metrô ou um ônibus  
em São Paulo, como disse que fará,  
que ele, ministro, será obrigado  
a criticá-lo em público, ao que  
o presidente miliciano, o sociopata  
que governa esse país desde o princípio  
em nome apenas da pulsão de morte

e da perversidade (como suas ações mesmo antes de governar), rebateu dizendo, de modo sempre totalitário, que, se isso acontecesse, ele, presidente, iria demiti-lo, demitir o ministro da saúde. Vinte e quatro horas depois disso, hoje mesmo, agora há pouco, o presidente assassino fez um tour por Brasília, por Taguatinga, Ceilândia e Sobradinho, por padarias, pequenos comércios e pelo hospital do exército, conversando com vendedores ambulantes, juntando várias pessoas em torno de si, indo, com sua gangue, a diversos lugares... Veremos se o ministro da saúde virá mesmo a público criticar seu cupincha, o ministro que, diga-se, sendo há anos do grupo do presidente, apoia os ruralistas, foi contra a demarcação das terras indígenas, é contra o aborto, foi contra o programa Mais Médicos, lamentou a lei do divórcio, votou a favor da PEC do teto dos gastos, posicionou-se contra o SUS, votou a favor da reforma trabalhista e foi um dos deputados federais que votaram “sim” pelo impeachment de Dilma Rousseff levando o país não a uma trágica situação – Bolsonaro não tem nada daquele outro tirano, Édipo –, mas verdadeiramente a uma situação de filme de terror, na qual, até o momento, parecemos ser as vítimas, meros figurantes violentados desse governo, sem conseguir esboçar qualquer reação. Reação ao presidente miliciano, quem

conseguiu esboçar não foi,  
infelizmente, nenhum partido  
de esquerda nem nenhum movimento  
social (enfraquecidos conjuntamente  
pelo antipetismo fabricado há anos  
diariamente pela mídia, pelo  
Congresso, pelo Supremo  
com tudo o mais, para conseguir  
o impeachment de Dilma e a subsequente  
condenação de Lula – sim, o bolsonarismo  
é, em grande parte, a construção calculada  
do antipetismo), mas quem de fato conseguiu  
esboçar uma reação foram governadores  
de direita, aqueles que vieram do grupo  
miliciano do presidente, aqueles  
que foram eleitos beneficiados  
pela enxurrada de fake news  
que levaram o genocida à presidência,  
aqueles que cortaram verbas da saúde,  
da educação e da cultura, aqueles  
que aprovaram o teto de gastos,  
que tramaram o desmonte  
da proteção jurídica e social  
dos trabalhadores, que instauraram  
a precarização do trabalho  
com as mãos do Estado  
a desregulamentá-lo e flexibilizá-lo,  
aqueles que querem privatizar tudo  
o que dá lucro ao Estado  
para aumentar as suas fortunas  
individuais e a de seus grupos,  
aqueles que querem a participação  
da iniciativa privada  
na gestão pública, aqueles que,  
latifundiários da bancada ruralista,  
preservam escravos em suas fazendas,  
matam indígenas, invadem terras  
que não são suas, destroem florestas,  
aqueles que governam

por suas superexposições diárias  
em redes sociais direcionadas  
por marqueteiros do momento  
que eles mesmos são, aqueles  
que querem acabar com a previdência  
de servidores, aqueles  
que já roubaram cobertores  
de moradores de rua em quem  
igualmente já jorraram jatos de água  
fria sobre seus corpos desnudos, aqueles  
que propuseram dar ração, ao invés  
de comida, para crianças de escolas  
públicas, aqueles que tentaram acabar  
com a cracolândia na base da bala,  
que demoliram paredes de prédios  
com pessoas dentro deles, aqueles  
que já subiram em helicópteros  
com snipers atirando contra a população  
que mora em comunidades ou favelas,  
aqueles que disseram que têm de acertar  
na cabecinha (e acertaram), aqueles  
que comemoraram dando um soco  
no ar, como se fosse um gol  
de um time de futebol, a ação  
de um atirador de elite do Bope  
sobre um perturbado mental  
com inclinações psicóticas (como  
disseram psicólogos levados ao local)  
que havia sequestrado um ônibus  
com um falso revólver, aqueles  
que disseram que “algumas pessoas  
estão dizendo que comemorei a morte,  
não, eu comemorei a vida”, aqueles  
que disseram que “os profissionais  
da violência somos nós”, querendo dizer  
por esse “nós” exatamente “os militares  
e o uso da força pelo Estado”, aqueles  
que, antes mesmo de se elegerem vice-  
presidentes, já falavam em dar

um possível autogolpe do presidente  
com o apoio das forças armadas,  
aqueles, portanto, para quem,  
de diversos modos, de todos  
os modos, o que entendem por vida  
é exatamente a morte, a violência,  
aqueles que não têm o menor pudor  
em realizar uma necropolítica literal  
e neoliberal, ou ainda,  
uma necrocracia e um necroliberalismo  
literal e em todos os sentidos.  
Nesse momento, foram eles,  
e alguns ministros que, agora,  
se afastam do presidente,  
que conseguiram uma reação, foram  
eles que saíram e continuarão saindo  
fortalecidos com a – inevitável – queda  
de popularidade do presidente, foram  
eles que passaram uma imagem  
mais ponderada do que a do presidente  
e, conseqüentemente, não são  
menos perigosos, mas talvez sejam  
ainda mais perigosos  
que o atual presidente, porque perdurarão  
mesmo depois de o presidente  
e sua família assassina caírem.

## VI

Não, amanhã não será um dia melhor  
do que hoje, que não é um dia  
melhor do que ontem – já sabíamos  
disso e dissemos  
quando achamos necessário  
dizer. O certo é que, apesar  
de necessário, não é fácil  
responder a esse momento  
avassalador, em que conspiram

para nos calar, o certo é que é preciso  
que, mesmo com um quinto da população  
do mundo em quarentena, ou seja,  
com algo em torno de 1,7 bilhão  
de pessoas em isolamento onde podem  
estar, não nos calemos, mesmo que tenhamos  
de berrar pelas janelas, mesmo que, lentos,  
tenhamos de pedir várias ajudas  
para conseguir falar, mesmo que tenhamos  
de pedir ajuda a um dos mais antigos poemas  
e dizer: “Agora, nada é espantoso, inesperado  
ou impossível, desde que Ares, senhor  
da guerra, enviou mais um vírus  
a se espalhar pelo mundo e o úmido  
temor domou os homens. E tudo então  
tornou-se crível e possível. Ninguém  
fique espantado com o que quer  
que venha a acontecer [...]”. O que virá  
a acontecer? Uma queda? Um golpe?  
Um autogolpe? Uma revolução  
autoritária? Um isolamento  
do presidente, que ficará falando  
sem governar? Mais arrochos? Prisões?  
Demissões em massa? Mais miséria?  
Dezenas de milhares de mortes?  
Centenas de milhares? E o que  
ocorrerá pelo mundo afora? O que  
vem por aí? O quê? Sim, é estranha  
e deslocada a evocação a Ares,  
mas é o que diversos líderes mundiais  
estão, mais uma vez, dizendo,  
com a mesma ladainha de sempre:  
que se trata, mais uma vez,  
de guerra. Dessa vez, até o secretário  
geral da ONU declarou: “A covid-19  
é o nosso inimigo comum. Temos  
de declarar guerra a esse vírus”.  
É guerra. Eis a guerra. É guerra por lá,  
por aqui, por aí, por sei lá onde,

por toda parte. As armas estão  
todas apontadas diretamente  
para os nossos corpos que,  
não tendo imunidade ao vírus,  
são passíveis de contaminação  
mesmo em nossas – já impossíveis –  
solidões mais ou menos reclusas.  
Talvez, então, o presente seja  
um modo solitário de ser comunitário.

## VII

Mais uma vez, é guerra. É guerra.  
É guerra, desta vez, sanitária.  
Eis a guerra. Países interceptam  
máscaras, respiradores, luvas  
que iam para outros países. É guerra.  
É guerra sanitária. É guerra por lá,  
por aqui, por aí, por sei lá onde,  
por toda parte. “Estamos em guerra”,  
disse o presidente francês, “estamos  
em guerra”, “em uma guerra sanitária”,  
“não estamos lutando nem contra  
um exército, nem contra outra nação.  
Mas o inimigo está lá, invisível,  
imperceptível e avançando.  
Isso exige mobilização geral”. Esse  
mesmo presidente entende “mobilização  
geral” como confisco de equipamentos  
que iam para outros países e, ao fazer escala  
em seu país, foram apreendidos, digo,  
roubados. Outro presidente, da nação  
mais poderosa do Ocidente, redirecionando  
para si mesmos equipamentos médicos  
de combate ao vírus que tinham  
como destino outros países, disse:  
“Precisamos das máscaras. Não queremos  
outros conseguindo máscaras. É por isso



que estamos acionando várias vezes o ato de produção de defesa. Você pode até chamar de retaliação porque é isso mesmo. É uma retaliação”.

Os Estados Unidos compram, na pista, por três ou quatro vezes o valor vendido, carregamentos de aviões em aeroportos chineses que iam para outros países, fazem embargos impedindo o equipamento de chegar ao país que, em sua alta diplomacia médica, envia dezenas de milhares de médicos para colaborar com dezenas de países do mundo.

Em Ankara, a Turquia sequestra avião que levava máscaras, protetores e respiradores da China para a Espanha.

A República Tcheca apreende máscaras e respiradores que iam da China, como “ajuda humanitária”, para a Itália.

Tailândia bloqueia máscaras que iam para a Alemanha. Horst Seehofer, ministro do interior do governo de Angela Merkel, confirma que Donald Trump tentara comprar a vacina em desenvolvimento em um laboratório da Alemanha para que fosse usada apenas pelos EUA.

Médicos franceses querem que vacina seja testada na África, repito, não em franceses, mas em africanos.

Mais uma vez, é guerra. É guerra.

É guerra sanitária. Eis a guerra.

É guerra por lá, por aqui, por aí, por sei lá onde, por toda parte.

E nossos corpos não têm qualquer imunidade para a guerra, para o que hoje se entende por política. Não, amanhã não será um dia melhor do que hoje, que não é um dia melhor do que ontem.

## VIII

Não, Iraj Harirchi, mesmo que você tenha contraído esse vírus, ele NÃO é democrático e faz SIM distinção entre ricos e pobres, entre estadistas e cidadãos comuns. Se a doença e a dor atingem a todos, mesmo a você, a Boris Johnson e à Rainha Elizabeth, elas atingem aos pobres de maneira muito pior; os estadistas sempre terão todos os meios de proteção, os melhores hospitais, assistências e tratamentos à disposição. NÃO, Zizek, mesmo que você goste de umas boutades muitas vezes engraçadas e bem-vindas, dessa vez, quando você disse que, nisso, Iraj Harirchi “estava certo, estamos todos no mesmo barco”, acrescentando “efeitos secundários potencialmente benéficos” da pandemia, usando como “símbolo” de tais “efeitos secundários potencialmente benéficos” os “enormes navios de cruzeiro, o que me tenta a dizer que este é o fim da obscenidade de tais navios”, com você deslizando da metáfora do barco ao símbolo do navio, não tenho como não pensar, antes, nos efeitos maléficos, primários, do vírus nas favelas conglomeradas, nas periferias superlotadas, nos mais de 30 milhões sem água encanada, sem esgoto, sem comida, sem nada, na população de rua, maior do que nunca, nesses em quem as doenças crônicas (hipertensão, diabetes etc.) são majoritárias, nas aldeias indígenas tão suscetíveis, nos presídios com celas abarrotadas,

transbordadas de gente, naqueles que de maneira alguma podem parar de trabalhar, naqueles que de maneira alguma permitem que parem de trabalhar, naqueles que precisam de seus trabalhos informais... Ainda que o vírus possa causar uma variação nessa lógica, você sabe muito bem que quem organiza a decisão dos que vão viver e dos que vão morrer é o dinheiro ou, para ser mais preciso, o capital. O Brasil é o segundo país mais desigual do mundo, praticamente empatado com o primeiro – aqui 5 bilionários detêm a riqueza de 100 milhões de pessoas, ou seja, da metade mais pobre da população. Acabo de saber que os bairros e lugares pobres do Rio e São Paulo já estão com uma taxa de letalidade dez vezes maior do que as regiões mais ricas, fazendo com que o risco seja inversamente proporcional à renda. Acabo de saber que nos EUA enquanto há mais de 30 milhões de novos desempregados, a fortuna dos bilionários aumentou na crise mais de 300 bilhões de dólares. Acabo de saber que, no Brasil, enquanto 58 milhões de pessoas que ganham até R\$500,00 por mês perderam pelo menos metade de suas rendas e, dessas, 14,5 milhões ficaram sem qualquer renda, o segundo homem mais rico do país disse que “O que eu gosto mais, francamente, é que toda crise

traz oportunidades”. Francamente,  
não, não estamos todos  
no mesmo barco. Se, como disse  
o amigo indiano de Nancy  
com toda ironia (com a ironia  
que o nosso infame chanceler,  
criticando você, Zizek, e usando  
o termo de Nancy, não soube ver),  
o vírus pode ser um “comunovírus”  
e não um “coronavírus”, se,  
vindo, supostamente, do comun-  
ismo, caberia ao comuno  
decapitar a coroa (o corona),  
a resposta a ele depende, de certo,  
de inúmeros fatores e modos de vida  
– a coroa não será decapitada assim  
tão facilmente pelos comuns.  
Mas não se tem certeza ainda  
de onde vem o vírus, e creio  
que demoraremos muito a saber  
se, de fato, o primeiro caso veio,  
como parece, do mercado de animais  
silvestres, típico no Oriente, de Wuhan,  
na China, ou de qualquer outro lugar  
do mundo; talvez, isso nem seja  
o mais importante, talvez isso seja  
pouco importante. Talvez isso  
seja muito importante, determinante  
mesmo, não sei. Hoje, são tantos  
os inimagináveis modos de guerra  
para a guerra econômica em curso...  
Lembrando que, já sabendo do vírus,  
mas antes de a cidade ser colocada  
em quarentena, 5 milhões de pessoas  
saíram de Wuhan por ocasião das férias  
do Ano Novo Chinês e por medo  
da epidemia, o mais importante  
parece ser a globalização que provocou  
a tão rápida propagação do vírus

via turistas e empresários pelo mundo afora, as aglomerações urbanas cada vez maiores e a destruição da natureza, sobretudo pelo agronegócio, que, descomplexificando-a, gera a extinção de muitos animais deixando os vírus sem hospedeiros e fazendo com que eles, nas bordas das florestas, cada vez menores, com as cidades, cada vez maiores, desses circuitos periurbanos, desses limites da produção do capital, saltem globalmente para nós, transbordem para nós, transfiram-se zoonoticamente para nós que não temos defesas estabelecidas contra eles nem contra muitas coisas. Em todos os casos, não é o morcego nem o – menos provável – pangolim, possível intermediário entre o morcego e o homem, os responsáveis pela propagação do coronavírus e de outros milhares de patógenos emergentes e reemergentes, mas nós, sempre nós, nós que também reproduzimos industrialmente animais nas piores situações. Somos nós os responsáveis, e não o coronavírus, a peste suína africana, o *Campylobacter*, o *Cryptosporidium*, a *Cyclospora*, o Ebola Reston, o *E. coli*0157:H7, a febre aftosa, a hepatite E, a *Listeria*, o vírus Nipah, a febre Q, a *Salmonella*, o *Vibrio*, a *Yersinia* e novos tipos de gripe como H1N1, H1N2v, H5N1, H5N2, H5Nx, H6N1, H7N1, H7N3, H7N7, H7N9, H9N2... Somos nós, sempre nós. Além do mais, Zizek, para continuar com o deslizamento da metáfora ou de seu símbolo, soube hoje que, na insuficiência de leitões

hospitalares, há cidades que estão fazendo,  
de navios, hospitais, acompanhados  
de batedores. É bem verdade que,  
em uma entrevista que leio agora, pouco  
mais de um mês depois da publicação  
daquele seu texto mencionado, você  
– conscientemente ou não – parece  
ter se retratado, ainda que de uma maneira  
irresponsável, precisando, no lugar  
de se referir ao que você mesmo  
havia escrito, criticar uma outra pessoa,  
no caso, uma mulher, uma popstar,  
ao dizer: “Penso no egoísmo  
dos [superricos](#) fechados em seus *bunkers*  
ou em iates. Madona postou um vídeo  
na banheira dizendo que estamos todos  
no mesmo barco. Não é assim  
e as pessoas veem a situação.  
Os novos heróis são as pessoas comuns”.

## IX

Enquanto, sem qualquer passaporte,  
dissimulado no corpo das pessoas,  
sem passar individualmente  
por nenhuma biometria nem  
por ela ser acusado, sem qualquer  
marca digital, sem ser parado  
pela polícia federal, sem fotografia facial,  
sem ser parado por qualquer vigilância  
digital, necessitando de seus hospedeiros  
sem os quais ele é inerte,  
sem ser aprisionado em campos  
de refugiados, sem ser morto  
ou assassinado como os imigrantes  
nos barcos pelo Mediterrâneo,  
sem qualquer respeito aos territórios  
nacionais, sem precisar se esconder

em cavernas no Afeganistão  
nem em esconderijos subterrâneos  
na cidade de Al Daur, enquanto  
o vírus atravessa rapidamente  
todas as fronteiras, isolando-nos,  
contraditoriamente, em quarentena,  
como modo de proteção, em nossos  
espaços privados, isolando-  
nos em uma espécie de paralisia  
afetiva, social e econômica, enquanto  
isso, há multidões, frágeis, que,  
não podendo se isolar, seguem  
e continuarão seguindo expostas,  
trabalhando em caixas de super-  
mercados, entregas, farmácias,  
fábricas, transportes públicos,  
abastecimentos, hospitais... Todos  
que se expõem para muitos  
não se exporem, todos que deveriam  
ser considerados profissionais da saúde,  
pois cuidam da saúde de muitos.  
Esse parece ser um dos senso-comuns  
do momento, uma das frases  
mais repetidas: que a pandemia  
afeta igualmente a todos, que todos  
somos, perante o vírus, efetivamente  
iguais, que o vírus não discrimina,  
que todos estamos no mesmo barco,  
o que todos dizem sem conhecer  
os lugares mais pobres, com maior  
densidade de pessoas nos menores  
espaços, o que todos dizem sem  
conhecer tampouco os lugares mais  
ricos, mas o vírus mostra mesmo,  
como Butler nos disse, que “a comunidade  
humana é igualmente precária”, como  
também vemos, como ela disse,  
que “a chegada de empreendedores  
ávidos para capitalizar em cima

do sofrimento global” testemunha  
 “a velocidade com a qual a desigualdade  
 radical” encontra “formas de reproduzir  
 e fortalecer seus poderes  
 no interior das zonas de pandemia”.  
 Sabendo relativizar o que Zizek,  
 ao menos a princípio, não relativizou,  
 Butler disse: “A desigualdade social  
 e econômica assegurará que o vírus  
 discrimina. O vírus, por si só, não  
 discrimina, mas os humanos seguramente  
 o fazemos, modelados como estamos  
 pelos entrelaçamentos dos poderes  
 do nacionalismo, do racismo,  
 da xenofobia e do capitalismo”.

X

Zizek, é certo que, mesmo que  
 com mais controle, os cruzeiros  
 continuarão a existir, como é  
 mais certo ainda que os bilionários  
 de verdade não estão nesses  
 cruzeiros que você abomina, mas  
 com suas famílias em seus iates  
 pelas praias da América Central. Pior,  
 ainda pior, muito pior, é certo também  
 que as favelas continuarão existindo.  
 Isso aqui não é um cruzeiro  
 internacional de férias ou de aposentadoria  
 de alguns milionários, isso aqui é muito mais  
 do que um cruzeiro internacional de férias  
 ou de aposentadoria de alguns milionários  
 ou de quem mais pode estar por ali  
 a ser usado como símbolo para alguma coisa,  
 isso aqui não é a fuga com iates para praias  
 paradisíacas de meia dúzia de bilionários.  
 Isso aqui não é tampouco Kill Bill



nem nenhum outro filme de Tarantino. Isso aqui é o real do Brasil e de muitos outros países como o nosso. Desculpe-me, Zizek, mas, com toda a admiração, não consigo pensar que sairemos dessa com uma “sociedade alternativa”, com “uma sociedade que se atualiza sob a forma de solidariedade e cooperação global”. Não aqui, meu caro. De modo algum, parece-me que sairemos mais próximos uns dos outros: sairemos, parece-me, mais isolados, mais separados, mais desconfiados, mais vigiados, cada um buscando por si sua sobrevivência. Aqui (não só aqui, claro), estamos mais próximos do que Preciado falou: “A gestão política das epidemias põe em cena a utopia de comunidade e as fantasias imunitárias de uma sociedade, externalizando seus sonhos de onipotência de sua soberania política”. Se conseguiremos “inventar novas estratégias de emancipação cognitiva e de resistência”, não sabemos, é uma questão que permanece aberta.

## XI

Aqui, mais do que em qualquer outro lugar do mundo, o presidente jogou desde sempre a favor das bombas e da bala para matar a população, a favor da Bíblia para entorpecer a população, a favor do boi para roubar (as terras d’)a população, a favor do BBB para não dar chance à população, a favor de decretos para matar a população, como joga agora com o vírus para matar

a população como mais um meio  
de viabilizar seus crimes contra o povo.  
Aqui, até o vírus é um terrorista  
a favor do Estado contra a população.  
Estamos no começo desse pânico,  
com as estimativas mais esdrúxulas  
e ainda no início dos acontecimentos  
que vêm. Conheço pessoas que moram  
em favelas e estão apavoradas,  
elas estão entre a necessidade  
de ficar em casa, entre o toque  
de recolher instaurado pelo  
Comando Vermelho,  
e a necessidade do trabalho  
para o ganha pão diário. Não,  
amanhã não será um dia melhor  
do que hoje, que não é um dia  
melhor do que ontem.  
Como também disse Butler,  
“É provável que, no próximo ano,  
sejamos testemunhas  
de um cenário doloroso em que  
algumas criaturas humanas  
afirmarão seu direito de viver  
às expensas de outras, voltando  
a inscrever a distinção espúria  
entre vidas dolorosas e ingratas,  
aqueles que a todo custo  
serão protegidos da morte  
e essas vidas que se considera  
que não vale a pena que sejam  
protegidas da enfermidade  
e da morte. [...] Por que seguimos  
opondo-nos a tratar todas as vidas  
como se não tivesse o mesmo  
valor?”. É a vida, afinal, um direito,  
sobretudo, dos economicamente  
privilegiados? Não é hora  
de pleitear com todas as forças

uma luta contra a desigualdade  
das chances de viver?  
Nesse mundo de asfixia  
e esgotamento, em que, havendo  
uma “desigual redistribuição  
da vulnerabilidade”, há uma desigual  
redistribuição do fôlego, em que a vida  
é mais ofegante para uns do que  
para outros, a questão do momento,  
a questão de sempre, é, de fato,  
como também disse Mbembe,  
a questão de sempre, mas ainda mais  
a questão do nosso momento,  
é encontrar imediatamente “uma maneira  
de garantir que todo indivíduo tenha  
como respirar. Essa deveria ser  
a nossa prioridade política” recompondo  
“uma Terra habitável” que “poderá  
oferecer a todos uma vida respirável”.  
Sem um pouco de ar, todos  
nós sufocamos, sem bem mais  
do que apenas um pouco de ar,  
quase todos nós sufocamos,  
sem muito ar disponível  
para respirarmos, nenhum  
de nós conseguiremos viver  
da maneira que devemos,  
da maneira que podemos viver.

## XII

Quem diria que, aqui,  
no Brasil, chegaríamos ao dia  
em que seria o isolamento,  
não a multidão, o confinamento,  
não as ruas, a interrupção, não  
o movimento, a frenagem,  
não a velocidade, o estancamento,

não a continuidade, a reclusão,  
 não a exposição, a cesura,  
 não a sequência, a suspensão,  
 não a segurança, o tranco,  
 o solavanco, o tropeção, os gestos  
 para lutarmos pelo direito  
 de que todo indivíduo tenha,  
 mesmo sem sair de casa,  
 como respirar, comer, trabalhar,  
 estudar, morar, cuidar da saúde  
 e da doença... Sempre achei,  
 como algumas vezes disse,  
 que, no discurso político,  
 tinha de ser trocado o que  
 chamam de “disputa de narrativa”  
 pela emergência de uma outra  
 lógica, de uma lógica do poético.

### XIII

Hoje em dia, Agamben, mais  
 do que nunca, precisamos respirar  
 fundo, aprender a respirar  
 diante do que diariamente quer  
 nos sufocar. Há muito sabemos  
 que o pensar é um sopro  
 na linguagem, que aprender a pensar  
 é aprender a respirar. Isso nos parece  
 um exercício cotidiano de aprendizagem  
 de lentidão, mas também aprendemos  
 esse outro exercício, o de, no calor  
 da hora, correr os riscos que entendermos  
 necessários. Há amigos que dizem  
 que seus textos recentes são para ser lidos  
 daqui a anos; sem negar essa possibilidade,  
 seus textos estão sendo escritos nesse momento,  
 para esse momento, querendo ser lidos,  
 se depois, certamente também, e talvez

sobretudo, agora, de modo interventivo, já que é agora que se trabalha a decisão do futuro. Nunca vi você publicizando repetidamente tantos textos breves em intervalos tão curtos de tempo, nessa ânsia de quem, desde o começo, flagrou a importância do que estava acontecendo, do que viria a acontecer e a necessidade imediata de uma resposta possível de seu pensamento a esse acontecimento que nos assola. Como você sabe muito melhor do que a maioria, baseado apenas nos primeiros números estatísticos de um governo cuja epidemia chegou depois, sobretudo, sem ter ido ver como se deu o comportamento do vírus em outros países em que ele se disseminara anteriormente, não se deveria dizer com muita pressa: “Em face da medida de emergência frenética, irracional e totalmente infundada de uma suposta epidemia”. Em todo caso, Giorgio, respirando constantemente com a tranquilidade e a lentidão que poucos têm, você também disse, com arguta perspicácia, que, hoje em dia, em termos mundiais, o discurso do vírus ocupa o lugar deixado vazio pelo discurso do terrorismo, pelo terrorismo esgotado como causa de medidas emergenciais, fazendo com que cada cidadão, um possível infestador, seja tratado como um terrorista potencial. Para você, Agamben, trata-se, mais uma vez, de uma falsa lógica, em que a liberdade deveria ser suprimida para ser defendida, em que a vida deveria ser igualmente suspendida para ser

defendida. Sei que você tem falado muito para a Itália, mas, aqui, no Brasil, é um pouco diferente: o cidadão não é um potencial infestador criminalizado pelo Estado, muito pelo contrário, aqui, o presidente diz que o cidadão não é um potencial infestador justamente para ele poder infestar um número cada vez maior de pessoas, ou diz que tem de haver logo a infestação de 70% da população, aqui, o presidente sai à rua, aglomera cidadãos em torno de si, tosse, assoa o nariz e, imediatamente em seguida, dá a mão com que assoou o nariz a uma idosa, a outro homem e a quem mais estiver por perto. Aqui, precisa-se de proteção contra um Estado que desprotege à maioria, violentando-a. Ou seja, aqui, inusitadamente, fazer quarentena se tornou um gesto de desobediência civil, já que, aqui, o presidente negacionista de extrema direita se tornou o arauto do direito constitucional de ir e vir, das liberdades individuais, da privacidade dos dados telefônicos que monitorariam as pessoas impedindo aglomerações para garantir seu projeto autoritário, autocrático. Não à toa, somos o segundo país do mundo em descrença em relação à eficácia do isolamento social, ou seja, aqui, com bolsonaristas em portas de hospitais exigindo o retorno de seus empregados ao trabalho e às ruas, com bolsonaristas agredindo profissionais da saúde que lutam para salvar vidas sendo aplaudidos pelo mundo todo, aqui, com as vidas banalizadas,

o mundo, quer dizer, a economia, dizem, não pode parar, mas, finalmente, o mundo, ou seja, a economia, está tendo não que parar, mas que desacelerar, o mundo vai ter de desacelerar, mesmo aqui chegará o momento de dizer o impossível, o inimaginável, que o mundo desacelerou, que os tempos modernos desaceleraram, mesmo que por pouco tempo. Não é só aqui, entretanto, que coisas assim ocorrem, aqui é pior, bem pior, mas, a levar em conta o que você escreve, mesmo com, parece-me, um grande exagero na formulação de uma “vida puramente biológica” e na perda de “todas as suas dimensões [...]”, é no mundo inteiro que “Os homens se acostumaram tanto a viver nas condições de crise e emergência perpétuas que parecem nem mesmo notar que suas vidas foram reduzidas a uma condição puramente biológica e perderam todas as suas dimensões, não só as sociais e políticas, mas até as humanas e afetivas”. Se o campo de concentração é, para você, o paradigma de nosso tempo, não, nós não vivemos como os muçulmanos, isso é certo, nem como os que estão detidos em Guantánamo ou em Abu Ghraib, nós estamos envolvidos em leis, julgamentos, lutas, vidas afetivas, relações amorosas, responsabilidades íntimas e públicas, conversas, leituras, escritas, afazeres de casa, trabalhos,

redes de solidariedades, direito ao grito,  
esforços de luta política e outras  
coisas que escapam ao campo  
de uma “vida meramente biológica”.  
Como já disseram, a própria decisão  
em tentar não se contaminar  
já escapa ao “meramente biológico”.  
Estamos muito mais para sobreviventes  
que teimam diariamente em sobreviver  
do que para muçulmanos, isso é certo.  
Retrucando ao seu primeiro texto,  
Nancy disse algo que também está  
distante de nós, pois aqui o governo  
está longe de ser “nada mais que tristes  
executores, e atacá-los parece mais  
uma manobra de distração  
que uma reflexão política”. Aqui,  
a política do governo é outra,  
se é que há política, e, dentro  
que estamos de outras “manobras  
de distração”, nem conseguimos atacar  
o governo como deveríamos. Aqui,  
é antes o governo que nos ataca  
incessantemente, aqui, não há  
qualquer medida emergencial  
de proteção, aqui, Giorgio, o Estado  
gastou 5 milhões em uma propaganda  
chamada “O Brasil não pode parar”  
convencendo as pessoas a trabalharem,  
a irem às ruas, a frequentarem templos  
e rezarem em igrejas lotadas, a pegarem  
metrô, ônibus, a irem aos bares  
e restaurantes, a levarem uma vida  
chamada normal, como se nada  
estivesse acontecendo. Aqui,  
o presidente e muitos pastores  
(fortemente críticos da ciência,  
mas não do capitalismo,  
ferrenhos defensores da religião,



com direito ao terraplanismo,  
ao criacionismo e a coisas afins),  
levando multidões às igrejas,  
dizem que a cura é ir ao culto,  
que a cura do vírus viria do culto  
nas igrejas, e alguns deles, agora  
contaminados, ao invés de irem  
para suas igrejas se curar,  
vão para os melhores hospitais  
da cidade tomando o lugar  
de muita gente que, jamais achando  
que a igreja seria o lugar de cura,  
precisaria de tratamento. Aqui,  
quando perguntado sobre o número  
de mortos por causa do covid-19,  
o presidente respondeu: “Não  
sou coveiro”. Apesar de toda  
aquela convocação à normalidade,  
é preciso lembrar e relembrar  
um grafiti em Hong Kong dizendo  
“Não podemos voltar ao normal,  
porque o normal era exatamente  
o problema”. Aqui, Giorgio,  
tentando encontrar uma maneira  
de estabelecer seja um golpe  
militar seja uma revolução  
totalitária que permita a eliminação  
dos adversários políticos e de quem  
quer que se coloque à sua frente,  
o Estado é o maior terrorista  
a impor sua lógica de uma suposta  
e falsa liberdade de circulação  
para que a suposta liberdade seja  
defendida visando apenas que a vida  
do cidadão comum seja absoluta  
e imediatamente suprimida  
para salvar a economia, digo, salvar  
empresários, os pequenos, médios  
e os milionários, para quem

os lucros valem muito mais do que a vida dos trabalhadores. A partir de mais esse seu texto que acabo de ler, escrito há pouquíssimos dias, intitulado “Uma pergunta”, não tenho como não me esquivar de, em busca de compreensão, fazer também “uma pergunta” a você. Parece-me evidente que você visa outra posição da que participa do que você chama de um colapso ético e político ou do ultrapassamento da soleira entre humanidade e barbárie diante de uma doença, diante da pandemia que vivemos, tratando-se, portanto, da busca de uma outra ética e de uma outra política, ainda que aporéticas, ainda que, seja qual for o salto dado, seja qual for o abismo enfrentado, ele arraste a aporia consigo. Quando você fala que aceitamos algumas medidas, como a de que não apenas seres humanos queridos nossos morram sozinhos mas também que cadáveres sejam queimados sem quaisquer funerais, como a de que nossa liberdade de movimento seja limitada como nunca antes na história, como a de que suspendamos, na prática, nossas relações de amizade e amor reiteradamente apenas e “unicamente em nome de um risco que não era possível de precisar”, não tenho como não pensar que o risco é explícito, evidente, bastando ver o número progressivo, assombroso, de contaminações e mortos pelo mundo afora. Imagino que você sabe que, nos Estados Unidos, em que o presidente a princípio negava o perigo da pandemia,

e que agora, depois da cloroquina, sugere injeção de desinfetante como cura, já são praticamente 75.000 mortos, quase  $\frac{1}{4}$  dos mortos em todo mundo. Nosso presidente, uma marionete de Trump, segue-o em tudo, inclusive no negacionismo inicial, ainda que não tenha voltado nem tardiamente atrás. Com 10.000 mortos e 150.000 contaminados (fora os subnotificados, que, segundo pesquisadores, talvez sejam 10 ou 12 vezes mais), e encaminhando-nos ainda para o pico por vir, com mais mortos proporcionais do que a Itália e os Estados Unidos, tentamos nos preparar para o que vem, pois, para o governo, qualquer número de mortos será naturalizado enquanto a economia tiver respiradores artificiais a mantê-la o mais viva possível, afinal, como você nos disse, o capitalismo é a religião do nosso tempo, a mais implacável com seu culto ininterrupto aquela que não pode parar nem quando, voluntária ou involuntariamente, paramos. Se, a princípio, entrando cedo no debate, você falava, como já citado, na “medida de emergência frenética, irracional e totalmente infundada de uma suposta epidemia”, você retorna agora, e ainda, repetidamente, a esse “unicamente em nome de um risco que não era possível de precisar”, insistindo nisso ainda hoje, nesse passado que, dito desde o presente, estende-se a ele. Para além do diagnóstico preciso que oferece do que vem, fico pensando em que alternativas seu pensamento nesses textos traz consigo. Ainda que um filósofo não proponha uma ação a partir

de sua reflexão, esta aponta  
para uma outra ética, para uma outra  
política, decorrentes de um lançar-se  
arriscado da vida de quem não se exime  
da responsabilidade que suas posições  
trazem. Por exemplo: você aceitaria  
uma ética e uma política alternativas  
à do ultrapassamento do limite  
entre a humanidade e a barbárie  
que levasse, hoje, as pessoas a uma proximidade  
contínua, até o fim, com os contaminados,  
realizando, inclusive, os rituais fúnebres  
nos modos habituais? Você aceitaria,  
hoje, uma não restrição à nossa liberdade  
de movimento, ou seja, o fim do isolamento  
social? Salvo situações específicas, você  
aceitaria que mantivéssemos os encontros  
físicos e presenciais com nossos entes  
queridos exatamente do mesmo modo  
que antes? Se nos responsabilizamos  
por tais restrições, você chama atenção  
para responsabilidades ainda maiores,  
como a da igreja que, sob um papa  
chamado Francisco, o santo que abraçava  
leprosos, esqueceu de visitar os enfermos,  
esqueceu que os mártires ensinam  
que é necessário estar disposto  
a sacrificar a vida em vez da fé.  
Sob sua posição de que o papa  
estaria sacrificando sua fé  
quando deveria estar sacrificando  
sua vida, fica, para mim, outra dúvida,  
para além dessa sua valorização  
ainda hoje do sacrifício: encontrando-se  
com os doentes atuais, poderia o papa  
sacrificar não apenas a sua vida, mas,  
contaminando-se, transformando-se  
ele próprio em alguém que contagiaria  
inúmeras outras pessoas propagando

ele mesmo a doença, poderia ele, então, sacrificar, não tanto a sua vida, mas as vidas de outras pessoas, de multidões de pessoas? “Uma pergunta” que então lhe faço, em busca de deixar sua posição mais clara para mim, Giorgio, é se, em nome de uma nova medida dos princípios éticos e políticos, que não seja exatamente a abdicação deles, em nome do limite além do qual não estaríamos dispostos a renunciar, você aceitaria que centenas de milhares de vidas deveriam ser contaminadas, mortas, tornadas matáveis por decisões distintas das que majoritariamente vêm sendo tomadas? Lembro que, aqui no Brasil, os que já estão mais morrendo são os periféricos, os pobres, os negros, os indígenas, os matáveis de sempre. Eu disse antes, entretanto, repito: as áreas pobres do Rio de Janeiro e de São Paulo têm uma taxa de letalidade 10 vezes maior do que as outras, a chance de negros morrerem é 62% superior à dos brancos, cujo rendimento médio mensal entre os que trabalham é 73,9% superior à de negros. Com toda a pertinência de seu diagnóstico e de sua preocupação com o depois, com a chamada fase 2, com o agravamento que virá do estado de exceção ou de emergência como princípio organizacional da sociedade, não tenho como não me perguntar o que, para além da crítica a ações tomadas, você encamparia nesse momento como atitudes a partir de uma ética e de uma política não colapsadas, que não ultrapassassem os limites entre humanidade e barbárie.

Como eu estava dizendo, aqui entre nós,  
o terrorismo biológico encontra  
total apoio na gestão do terrorismo  
e no terrorismo de gestão  
a gerir a cada vez a vida  
biológica. Aqui, como Esposito,  
disse, “o estabelecimento da emergência,  
há muito tempo aplicada  
mesmo em casos em que não há necessidade,  
empurra a política para procedimentos  
excepcionais que podem, a longo prazo,  
minar o equilíbrio do poder em favor  
do executivo”, aqui, um risco  
para a democracia não é para nós  
nada exagerado, pois sempre vivemos  
no risco disso que, aqui, nunca conseguiu  
se consolidar e a cada momento  
é impossibilitado. Aqui, não é possível  
ou, ao menos, sempre beirou o impossível  
“tentar separar os planos, distinguindo  
os processos de longo prazo  
das notícias recentes”, aqui, as notícias  
recentes e as respostas governamentais  
a elas apenas confirmam a maior parte  
dos processos de longo prazo. Enquanto  
Esposito afirma, que o que acontece  
hoje aí “tem mais o caráter de uma  
decomposição dos poderes públicos  
que de um dramático aperto  
totalitário”, aqui, onde o poder público  
foi o mais das vezes decomposto,  
o que se dá é exatamente, mais uma vez,  
um “dramático aperto totalitário”.  
Como você certamente concorda, Giorgio,  
não, amanhã não será um dia melhor  
do que hoje, que não é um dia  
melhor do que ontem.

## XIV

Sou feito de nervos, carne, assombros  
e muito do que olho me intoxica.  
Nunca foi tão difícil olhar à minha  
volta, mas, muito mais difícil é ver  
o que olho. Hospitais a cada dia  
mais lotados, mortes, pânico nos olhos  
das pessoas, ameaças reais de mortes  
por contágio familiar em muitos lares,  
cemitérios cavando covas sem parar,  
preços disparados do que se tornou  
o mais necessário, decretos autorizando  
demissões em massa, decretos autorizando  
reduções da jornada de trabalho, decretos  
autorizando cortes salariais de 30 a 50%  
do funcionalismo público, decretos  
para reduzir o isolamento, decretos  
obrigando as pessoas a trabalharem,  
decretos incluindo atividades religiosas  
e casas lotéricas como essenciais,  
decretos para dia do jejum, decretos  
para a morte em nome da economia...  
Decretos... Governa-se por decretos  
e por fake news que saem diretamente  
do planalto, dos filhos e dos aliados  
do presidente em busca da salvação  
de seu governo a qualquer preço,  
mesmo ao preço de dezenas de milhares  
de vidas, pois se trata de um governo,  
como foi dito desde o começo,  
literalmente altericida, populicida,  
necrofilico, de guerra contra  
o próprio povo, de destruição  
irrestrita de todos (quase todos),  
do Estado e de quase tudo o mais.  
Diante das notícias falsas, dos falsos  
sinais, das placas enganosas  
por todos os lados a revestirem

direções já totalmente imprecisas,  
difícil, mesmo impossível,  
acertar qualquer localização,  
qualquer rota, qualquer  
destino. É preciso aprender  
que não há mais localização,  
nenhuma rota, nenhum destino  
aonde se possa ir ou chegar.  
Não há mais nenhuma revolução  
à vista, nenhuma utopia e nem sei  
se, por onde perambulo enceguecido,  
existe uma saída esquecida ou a ser  
criada. Por mais que eu tente,  
minha voz não coincide  
com o lugar em que estou,  
levando-me a falar  
da não coincidência  
entre a voz, que desconheço,  
e o lugar, que igualmente  
desconheço. Nesse cotidiano  
sem rumo em que vacilo, nada  
que valha a pena ser  
comunicado, mas, enquanto  
não me canso, enquanto ainda  
estou aqui, digo apenas  
algumas coisas para dar voz  
à perdição, dizendo que,  
apesar de tudo,  
como quem não cessa  
de persegui-lo, sigo  
no impasse de buscar  
o real, inalcançável.  
Sustentar esse impasse  
me parece o mais  
importante, o decisivo,  
o de que não se pode  
abrir mão. Talvez seja  
este o meu erro. Nessa tensão  
complexa entre os arranjos



das palavras e as coisas,  
entre eles e o que se passa  
por aí, nesse paradoxo  
inultrapassável  
porém irrecusável,  
a linguagem muitas vezes  
me afeta de maneira irreversível,  
levando-me aonde não iria  
sem ela. Se, às vezes,  
a palavra resistência  
me parece surrada, usada  
para dizer aquilo  
que não está à altura  
do que nomeia, sigo  
nessa insistência. Escrevo  
apenas o que está perdido,  
deixando o testemunho  
desta quase cegueira.  
Mesmo se houvesse  
um guia e se o escolhido  
fosse ninguém menos  
do que o mais experiente  
dos guias do passado  
(no presente, como se sabe,  
não há mais guias), eu  
– nem ele, o guia –  
não acertaria o caminho,  
que nem existe mais.

## XV

O presidente continua falando, mas, com sua palavra autoritária que certamente performa, apesar de tudo, não governa sozinho. Há um embate de forças que compõem o poder. Quem coordena a junta militar ou o chamado partido militar, em harmonia negociada com o presidente, quem articula a política do governo, é o chefe da Casa Civil que, pela primeira vez em quatro décadas da história do país, é um general, que foi o interventor federal no estado do Rio de Janeiro quando Evaldo dos

Santos Rosa e sua família foram fuzilados com 257 tiros pelo exército ao se dirigirem a um chá de bebê. Ele é o mesmo que, invertendo a fórmula de Clausewitz, afirmou que a política é a continuação da guerra por outros os meios, indicando exatamente o que ocorre entre nós, que a política vigente (com o uso das múltiplas mídias, da financeirização, do privatismo, do judiciário, do policialesco, do alto e baixo militarismo – nem sempre juntos –, das milícias...) é uma guerra contra a população. Com ele, mostrando que vivemos um estado de guerra em que os civis estão sob controle, o Palácio fecha seu círculo militar. Como o então candidato prometeu em sua campanha, voltamos quarenta anos. Os militares presidem o país. O presidente, que, mostrando seu desprezo pelas instituições, nem a partido político é filiado, continua falando pelas redes e mídias sociais para os neofascistas que o apoiam, instigando-os a fecharem o Congresso, o Supremo, a colocarem um fim no isolamento, a bloquearem os acessos a hospitais... Com as instituições há muito permitindo chegar aonde chegamos, estamos entre o exército no poder, os necroliberais, o mercado, os empresários da FIESP, o judiciário, a extrema direita, as milícias, as polícias militares, os neopentecostais a manipularem a verdade como absoluta em nome de dinheiro e de poder, muitos desses grupos seguidamente insuflados pelo presidente que não preside sozinho, mas atua violentamente. Não havendo unidade entre esses grupos, a disputa é feroz e diária. Com o embate de forças que levou à queda do ministro da saúde para a posse de um outro que se alinhasse – leia-se, se submetesse – completamente ao presidente negacionista, com o presidente nos dias seguintes atirando de cima da caçamba de uma caminhonete no Dia do Exército em frente ao Quartel General da guarda em Brasília um grupo de seus adeptos fanáticos a pleitearem um golpe militar, o fechamento do Supremo, do Congresso e um novo AI-5, tentando com isso encurralar também o exército, o vice-presidente acabou por dizer: “Está tudo sob controle. Só não sabemos de quem”. Uma coisa é certa: não do nosso.

## XVI

Amanhã não será um dia melhor  
do que hoje, que não é um dia  
melhor do que ontem.

## XVII

Como quem busca um mínimo vestígio dos mortos, uma linha que nos possibilite algum modo de convívio, ainda que mínimo e desigual, um horizonte qualquer de memória, uma contemporaneidade, um caminho que nos leve até eles ou os traga até nós, de todo modo, que não os permita ir completamente embora, que não nos permita ficar para sempre sem suas histórias, sem seus afetos, sem o que pensaram, sem o que sonharam, sem o em nome de que e contra o que lutaram, sem seus testemunhos, procuro, sem as encontrar, listas com seus nomes, levando-me a crer que eles são a cada vez anonimizados, desprezados, relegados imediatamente ao esquecimento. Há milhares de nomes que deveriam estar disponíveis em algum lugar para sabermos quem são os mortos diretos e indiretos pelo vírus e, sobretudo, pelo presidente que se aproveita do vírus para matar, mas, além de não sabermos seus nomes, não sabemos, tampouco, e menos ainda, os nomes dos subnotificados, daqueles que passam por fora dos dados oficiais, daqueles que o governo não testa e que, mesmo se os testasse, esconderia os resultados de todos nós. Enquanto pesquisadores dizem que, aqui, se sabe apenas algo em torno de 8% dos casos de contágio e de morte pelo covid-19, uma pesquisa nos cartórios mostra que o número

de mortos pelo vírus é 154%  
dos anunciados. Com sua política  
de extermínio, o governo, que,  
atuando e falando como quer  
sem que ninguém o limite,  
controla os dispositivos  
sobre os vivos e os mortos, não fabrica  
apenas os modos de matar, mas, agindo  
segundo uma lógica da desapareição,  
faz de tudo para apagar  
a memória dos que morrem,  
seus nomes, seus sobrenomes,  
suas histórias, algo de suas vidas,  
seus vestígios... Temos notícias  
de pessoas que, como poucas  
outras na história, nem podem ser  
veladas por quem mais as ama,  
nenhuma irmã, nenhum irmão,  
nenhum pai, nenhuma mãe,  
nenhum filho, nenhuma filha,  
nenhum amigo, nenhuma amiga,  
nenhum ou nenhuma amante  
pode derramar suas últimas lágrimas  
diante dos corpos nem as pode enterrar,  
delas, dessas pessoas sem rituais  
fúnebres, mortas em leitos de hospitais,  
em quartos domésticos, pelo meio  
das ruas, quase nada sabemos  
senão, quando muito, suas inclusões  
nas estatísticas, e, quanto à maioria,  
nem nas estatísticas elas cabem.  
Chega-nos a notícia de que um tio  
da minha companheira morreu,  
de que o pai de uma amiga morreu  
e, assim por diante, as notícias  
vão chegando, de pessoas que  
seguem para a vala do esquecimento  
público, para a vala da ignorância  
política, para a perda dos laços

sociais que há muito, induzidos,  
vamos vivendo. O tio falecido  
da minha companheira, que morava  
em Duque de Caxias, cujo índice  
de mortalidade já é o dobro do da Itália,  
e cujos cadáveres se acumulam no necrotério  
do hospital pois os parentes não têm  
condições de arcar com os sepultamentos,  
chamava-se Barbosa, nem sabemos  
exatamente o nome completo dele,  
ele se chamava alguma coisa Barbosa,  
José Barbosa Salles, descubro, agora,  
o pai da minha amiga se chamava  
Seu Tuninho, ou Antônio Luiz Pereira,  
descubro igualmente agora,  
eles foram as duas primeiras pessoas  
próximas, bem próximas, que faleceram.  
Seja nos navios negreiros, no genocídio  
colonial de escravos negros e indígenas,  
nos desaparecidos da ditadura  
militar, nos assassinados pela polícia,  
pela milícia, pelo narcotráfico, em todos  
que acabam nas valas comuns,  
no cemitério de escravos,  
no cemitério de indigentes,  
no cemitério de subversivos,  
no cemitério de homicídios,  
essas vidas perdidas, largadas  
e não veladas foram sempre vidas  
não contabilizadas. Do cozimento  
em vida dos escravos aos micro-ondas  
do tráfico passando pelos fornos  
incineradores de corpos nas usinas  
de cana-de-açúcar usadas pela ditadura,  
com essas e todas as outras técnicas  
conhecidas de desaparecimento  
que nossa história cruelmente  
foi capaz de produzir, poderia dizer  
que, para nós, digo, para mim

e para você, tanto os desaparecidos  
quanto os relegados – em vida e em morte –  
ao esquecimento são aqueles  
que diariamente nos fazem falta.

## XVIII

[Se fosse uma tragédia grega, Tirésias entraria em cena e, como em *Antígona*, diria para Creonte: “Percebes que te abeiras de um abismo?”. Isso não é, entretanto, uma tragédia grega].

## XIX

[Isto não é Tebas, isto é Brasil e, por isso, ao invés de Tirésias, eu, que não sou nenhum Sófocles, trago um emigrante haitiano anônimo, que, no dia 16 de março, disse para o presidente enquanto ele, vindo de uma manifestação pública a seu favor em plena pandemia, chegava à porta do Palácio, à porta da residência oficial em Brasília, com seus apoiadores gritando-lhe “Que Deus te abençoe” e “Mi-to, Mi-to”. Séria, pausada e convictamente, disse-lhe, então, o emigrante haitiano: “Eu venho de Haiti. Você sabe muito bem, eu escolhi o Brasil como país. Você está entendendo, eu estou falando brasileiro. Bolsonaro, acabou. Você está recebendo mensagem no seu celular. Todo mundo, todo brasileiro está recebendo mensagem no celular. Você está espalhando vírus e vai matar brasileiros. Você não é presidente mais. Precisa desistir. Bolsonaro, você não é presidente mais”].

## XX

O ministro da Justiça é pressionado a pedir exoneração e o faz dizendo em coletiva para a imprensa que o presidente, além de falsificar um documento, quis intervir no comando da Polícia Federal, instrumentalizando-a, para proteger a si e a seus filhos em processos em andamento no STF. Vazando – ele mesmo – áudios para os jornais de conversas com o presidente e com uma deputada, o ex-juiz de primeira instância que, manipulando completamente a Lava-Jato, foi uma das

principais forças a inescrupulosamente destituir uma presidenta, prender o ex-presidente mais popular do país impedindo-o de se candidatar à presidência (quando todas as pesquisas apontavam sua vitória) e, finalmente, assumir ele mesmo o cargo de ministro da Justiça do candidato vencedor (ou seja, do candidato que ele fez com que ganhasse as eleições), realiza, com o gesto da exoneração, – isso é certo –, a tentativa de o golpe voltar às mãos de quem o deu, de consertar o desvio do golpe. Enquanto isso, o presidente fica, paradoxalmente, cada vez mais isolado e autocrático, cada vez mais solitário e poderoso. Dias depois, presidente se reúne com a cúpula das Forças Armadas, vai, em seguida, a mais uma manifestação estimulada por ele contra o Congresso, o STF e o ex-amado ministro da Justiça (que prestara um depoimento à Polícia Federal incriminando o presidente), por um golpe militar, por um novo AI-5 e pelo fim da quarentena, proferindo publicamente, mais uma vez, como seu hábito recente dos domingos, duras palavras antidemocráticas, ameaçando uma ruptura institucional.

## XXI

Não temos podido fazer  
quase nada, senão  
o que fazemos. Somos  
da geração que foi  
às ruas pelas diretas já,  
somos da geração  
que elegeu o operário,  
líder sindical, como  
presidente, somos  
da geração que colocou  
a primeira presidenta  
no poder, ou seja,  
a primeira mulher  
na presidência  
da República. Somos  
da geração que acabou  
com a dívida externa,  
com a mortalidade  
infantil, com a fome

e a sede no Nordeste,  
com a miséria mais  
miserável pelo país  
afora, que tirou o Brasil  
do mapa da fome  
da ONU, os maiores  
fantasmas nacionais  
de minha infância  
e adolescência. Somos  
da geração que ameaçou  
a hegemonia do dólar  
com o BRICS, que  
criou tecnologia  
para extração de petróleo  
destinando seu lucro  
à educação e à saúde,  
que colocou negros,  
indígenas e pobres  
nas universidades públicas,  
que finalmente inseriu  
a respeitabilidade  
do país no mundo  
fazendo-o ser ouvido  
em decisões internacionais.  
Mas não conseguimos  
sustentar o sopro  
do vendaval  
que ajudamos a ventar,  
não conseguimos fazer  
a história seguir  
o curso que muitos  
antes de nós  
lutaram para provocar.  
Fomos interrompidos,  
obrigados a recuar:  
a peste reina no país,  
não encontramos  
forças para derrubar  
o gabinete do ódio,



o escritório do crime,  
o governo miliciano,  
a presidência perversa  
nem, sobretudo, as forças  
que propiciaram  
sua chegada até ali.  
Muito é terrível e,  
entre tudo o que é  
terrível, o mais terrível  
é o ser humano, que,  
aterroriza até o terror,  
barbariza até a barbárie.  
O som de nossas vozes  
deveria trazer um sopro  
de pensamento a proteger  
pessoas, animais, rios,  
cidades, florestas, países,  
oceanos, continentes, céus,  
mundos, submundos,  
sobremundos, cosmos...  
Hoje, entretanto, a vilania  
governa com seu raquitismo  
de pensamento arrojando  
acelerada e horrivelmente  
todos à morte, mostrando  
que nos iludimos na vida  
quando nos esquecemos  
da ameaça dos revezes  
que nos mostram todos  
os impasses dos passos,  
todas as não passagens  
por onde teríamos de  
passar, mas empacamos  
atônitos, assombrados,  
com a vida parecendo  
engano, com a vida  
perecendo, só sombra  
da morte, nada mais.  
As pessoas morrem

aos milhares, às dezenas  
de milhares e não vemos  
como isso vai acabar.  
Sabemos há muito  
que nada entra de grande  
na vida mortal  
sem sofrimento,  
mas sabemos também  
da exaustão do sofrimento  
sem (nem digo algo  
de grande, mas sem)  
qualquer alternativa a ele.  
Apesar de sempre termos  
tido nas famílias um tio  
ou uma tia ou um primo  
ou uma prima ou um pai  
ou uma mãe que desejasse  
a volta da ditadura ou votasse  
consecutivamente  
nos candidatos  
forjados pela grande mídia  
como salvadores, como  
caçadores de marajás,  
como algozes de adversários  
políticos tratados, sem  
provas nem escrúpulos,  
como corruptos,  
apesar de sabermos  
do cruel conservadorismo  
entranhado nas pessoas,  
a verdade é que nem  
de longe podíamos imaginar  
essa reviravolta, esse retrocesso  
sem fim, o sem fundo  
do poço que vivemos.  
Hoje, a Secretaria Especial  
de Comunicação Social  
do governo utilizou,  
mais uma vez, em um vídeo,

um slogan nazista:  
“Só o trabalho, a união  
e a verdade libertarão  
o Brasil”. “Arbeit macht  
frei”, a frase colocada  
na entrada de Auschwitz  
e de outros campos  
de concentração,  
utilizada, aliás, já  
no discurso de posse  
de Temer, o vice-presidente  
golpista, ao assumir  
a presidência, quando disse  
**“Não fale em crise,  
trabalhe”**, transformando  
em seguida a frase  
em propaganda nacional.  
Amanhã não será  
um dia melhor  
do que hoje  
que não é um dia  
melhor do que ontem,  
mas estamos aqui,  
sem descanso,  
diariamente falando,  
diariamente gritando,  
ainda que nossas falas  
e mesmo nossos gritos  
não assustem mais  
ninguém. Não temos  
podido fazer quase nada,  
senão o pouco que  
ainda conseguimos  
fazer. Encho os pulmões  
e retiro ritmos  
urbanos do que quer  
que me sirva para tentar  
dizer o nosso tempo  
eloquente de escassez

e excessos, de angústias  
e desejos, nosso tempo  
simultaneamente  
legível e ininteligível.  
Estamos tristes, poeta,  
o mar da história é,  
de fato, agitado,  
atravessamos ameaças  
e guerras. Estamos  
tristes, poeta, e impotentes,  
e frustrados, o pior  
não é mais um sinal  
do que poderia vir  
a acontecer, ele se  
encontra no meio  
de nós, sem que vejamos  
a possibilidade iminente  
de seu desmoronamento.  
Nosso país está cheio  
de dores. Não busquemos  
autocríticas no momento  
indevidas nem responsabilidades  
que no momento  
não nos caibam (como se  
pudéssemos ter evitado  
tudo isso!). Ao longo  
desses anos, eles se utilizaram  
de todo poder, desmesurado,  
de que são capazes. Sigamos  
lutando como nos for  
possível, sigamos lutando  
com nossas palavras,  
com nossos afetos,  
com nossos corpos,  
mesmo na não audição  
de nossos gritos.  
Sigamos lutando  
para a poesia  
não desfalecer diante

do que estamos vivendo,  
para ela viver ainda  
mais, para ela dar  
mais vida, para ela tocar  
os nervos e o coração  
de modo a sustentar  
nossa feroz discordância,  
nossa revolta convulsiva-  
mente escrita, para ela  
testemunhar algo que,  
tocando o que poderia  
ser chamado de verdade,  
com seu documentário,  
com seus rabiscos  
de diários, cartas,  
estudos, anotações,  
matérias, improvisos,  
mesmo em seu atropelo  
e com inúmeras lacunas,  
escape às notícias falsas  
e às vozes dos poderosos.  
Que se tenha aqui um registro  
para que se possa, um dia,  
quem sabe, pelos sintomas  
narrados, investigar a doença  
maior do nosso tempo,  
ganhando antídotos sociais,  
vacinas políticas, curas  
históricas de modo que ela,  
em hipótese alguma, retorne.  
Um país que elegeu  
esse presidente é de todo modo  
um país doente, um país  
que produziu a mais letal  
das doenças terminais.  
Ao menos por uma tarde,  
entretanto, alegremo-nos  
com o fogo amigo deles.  
Talvez não seja tão pouco

assim; talvez, nessa guerra  
entre os diversos agentes  
dos múltiplos poderes,  
alguma brecha acabe  
por se abrir, por onde  
possa se dar uma disjunção  
do tempo, uma fratura  
na continuidade dos fatos,  
um contrapelo da história,  
por onde consigamos,  
mais uma vez, e de novo,  
romper aquilo que,  
neste país imenso, desde  
sempre trabalha, com todo  
poder, para se impor, mas  
tenhamos a certeza  
de que amanhã não será  
um dia melhor do que hoje,  
que não é um dia  
melhor do que ontem.

Rio de Janeiro -  
Vale do Socavão,

22 de outubro de 2018  
(semana imediatamente anterior ao segundo turno das eleições)  
a 11 de maio de 2020